



# Crescimento robusto

## Produção em alta, desemprego em queda e inflação sob controle: reflexos de um novo Brasil

Um ano depois de a bolha imobiliária nos Estados Unidos provocar os primeiros sinais de desaquecimento nos países desenvolvidos, a economia brasileira continuou apresentando crescimento robusto. No segundo trimestre de 2008, o Produto Interno Bruto (PIB) cresceu acima das expectativas: 6,1% em relação ao mesmo período de 2007. Foi o 26º aumento consecutivo, confirmando o mais longo ciclo de crescimento da série trimestral, medida desde 1991 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Os motores do crescimento têm sido a Formação Bruta do Capital Fixo (FBCF), que mede a taxa de investimento, e o consumo das famílias. Em relação ao mesmo trimestre de 2007, a FBCF cresceu 16,2%, mais do que o dobro do aumento do PIB e do consumo das

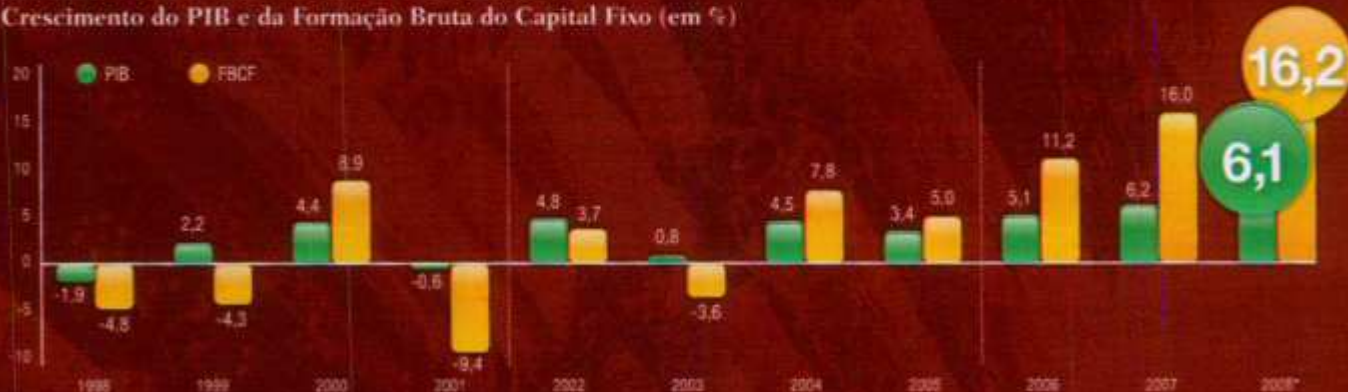
famílias (6,7%). O atual ciclo de investimentos é puxado tanto pelo consumo aparente de máquinas e equipamentos quanto pela construção civil.

O consumo das famílias, que representa cerca de 61% do PIB, reflete o aumento dos empregos formais, da massa salarial real e do nível de crédito. No entanto, se comparado aos 8,7% do quarto trimestre de 2007, seu crescimento no segundo trimestre de 2008, de 6,7%, mostra uma acomodação em um nível mais moderado, indicando uma progressiva convergência no ritmo de expansão da demanda e da oferta.

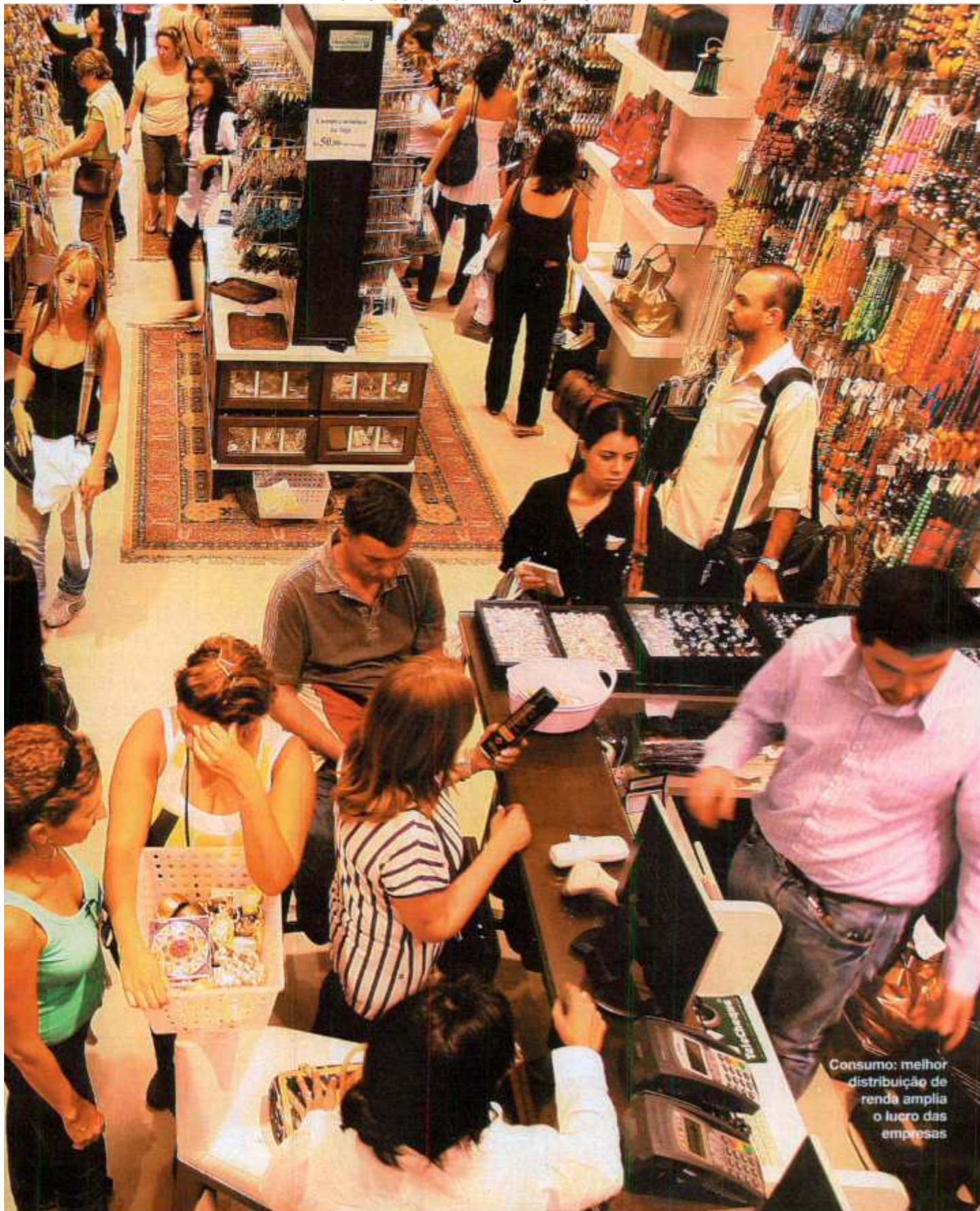
Alguns dos setores que mais contribuíram para o resultado do PIB, sempre na comparação com o mesmo trimestre de 2007, foram a agropecuária (7,1%), a indústria (5,7%) e os serviços (5,5%).

### Maior ciclo dos investimentos

Crescimento do PIB e da Formação Bruta do Capital Fixo (em %)



Fonte: Elaboração própria a partir de dados do IBGE. \* Variação no trimestre e mesmo trimestre do ano anterior.



Consumo: melhor distribuição de renda amplia o lucro das empresas

Ministério  
da Fazenda

## ECONOMIA SUSTENTÁVEL

### Crédito para habitação

O crescimento da agropecuária pode ser explicado, em grande parte, pelo desempenho de safras como a do café em grão, do milho, do arroz em casca e da soja. Outro destaque foi a construção civil (9,9%), estratégica pela sua elevada capacidade de gerar empregos e renda. O setor tem ganhado impulso com o aumento do número de brasileiros com carteira assinada e com o crescimento nominal de 26,7% das operações de crédito para habitação.

De janeiro a agosto de 2008, a indústria teve crescimento de 6,6%. Praticamente todos os setores industriais registraram expansão, com destaque para as montadoras de automóveis (18,4%). Máquinas e equipamentos (10,0%), outros equipamentos de transporte (32,5%) e metalurgia básica (7,9%) também mostraram elevados índices de crescimento. Por categorias de uso, os setores de bens de capital (18,1%) e de bens de consumo duráveis (13,3%) lideraram a expansão. Esses números evidenciam o dinamismo do ciclo de investimentos e do consumo doméstico apoiado, principalmente, no crédito.

### Aumento da capacidade

A indústria avança com o aumento da produtividade, superior ao crescimento dos salários, outro fator que ajuda a evitar impacto inflacionário. É importante destacar os investimentos na ampliação da capacidade produtiva, especialmente por parte dos fabricantes de bens de capital.

### Emprego formal

Bom desempenho da economia se reflete no mercado de trabalho (em milhares)



Fontes: IATE / Caged - Elaboração: MF / SPE - \* Valores acumulados nos últimos 12 meses, terminados em agosto



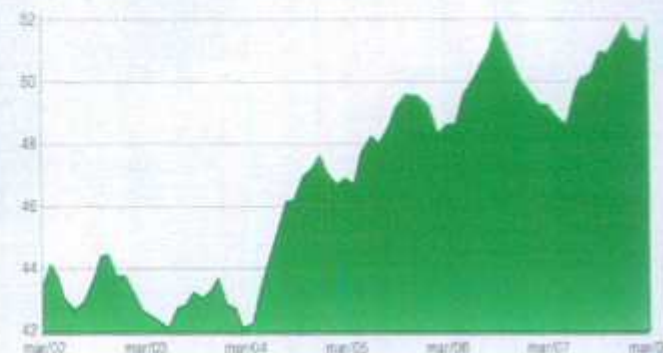
Automóveis: Brasil ultrapassa a França e é o sexto maior produtor mundial

Mas a principal marca do ciclo de desenvolvimento que o Brasil inaugurou é a emergência de uma nova classe média. Por trás dessa mudança, que criou no país um mercado de massa, está um conjunto de fatores: ganhos de renda, aumento do salário mínimo, expansão do emprego, controle da inflação e programas sociais que levaram à melhoria na distribuição de renda.

Em 2007, o ganho médio mensal do trabalhador brasileiro cresceu pelo terceiro ano consecutivo, alcançando 960 reais, de acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad), do IBGE. Até o fim do ano, a criação de empregos deve superar,

### Nova classe média

Classe C representa 50% da população



Fontes: CPS / IBE / FGV, com base nos microdados da PNE / IBGE - 15 a 60 anos



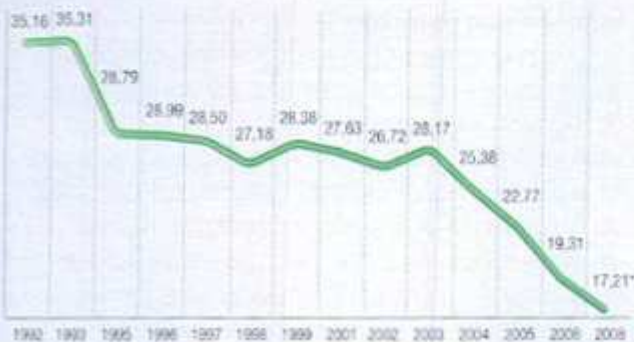
Gustavo Lobo

pela primeira vez, a marca de 2 milhões. No primeiro semestre de 2008, a abertura de novos postos de trabalho na construção civil superou os números de todo o ano anterior. Em agosto, a taxa de desemprego nas seis principais regiões metropolitanas ficou em 7,6%, a menor em muitos anos.

O número de trabalhadores com carteira assinada totalizou 32 milhões em 2007, o que representou crescimento de 6,1%. O índice de formalização no emprego é o maior desde o início da série histórica em 1992 e tem como causa principal a maior segurança das empresas em relação ao cenário econômico.

## Redução da miséria

Cai o número de pessoas que vivem com até 135 reais por mês (em \$)



Fonte: CPS/ITM processing Prod - BGE mensada - \* Projeção baseada no PME até abr/08, a partir de dados últimos 12 meses

A oferta de recursos também tem sido um instrumento importante para o crescimento econômico. O consolidado das operações de crédito, por exemplo, alcançou 1,1 bilhão de reais, com uma participação de 38% sobre o PIB, bem acima dos 32,8% na comparação com o mesmo período de 2007.

## Queda da desigualdade

Nesse cenário, a classe C se tornou a faixa mais numerosa da população, alterando profundamente o perfil do consumo. Uma recente pesquisa do Centro de Estudos Sociais, da Fundação Getúlio Vargas (FGV), estima que a nova classe média é composta por 93 milhões de pessoas ou 50% dos brasileiros. Somando a classe A/B, o Brasil passou a contar com 120 milhões de consumidores, um dos maiores mercados do mundo.

É a maior mudança na estrutura social do país e pode ser observada no dia-a-dia. Em 2007, 11,4 milhões dos domicílios – o que corresponde a 20,4% do total – já tinham acesso a microcomputador e à internet; são 2,1 milhões a mais do que no ano anterior. O Brasil deverá fechar o ano com mais de 140 milhões de celulares, e 77% dos lares têm algum tipo de telefone – em 1992 eram apenas 19%.

O grande destaque da Pnad foi, no entanto, a queda da desigualdade social. O número de pessoas em condições de miséria continuou em queda, bem abaixo dos índices registrados entre 1995 e 2003. A redução na diferença entre ricos e pobres também foi confirmada pelo Índice de Gini, que passou de 0,541 para 0,528.

O Brasil ingressou em um novo ciclo de desenvolvimento, que teve início em 2004 com a retomada do crescimento. Essa nova etapa da economia guarda profundas diferenças em relação às anteriores. Entre os anos 50 e o início dos 80, o Brasil viveu uma arrancada desenvolvimentista, que não eliminou a concentração de renda. As duas décadas perdidas, de 1981 a 2002, foram marcadas por crescimento baixo (média de 2,1% ao ano) e irregular, alto índice de desemprego e políticas sociais de resultados limitados. O novo ciclo é prolongado, consistente, uniforme e de qualidade e, ao contrário dos anteriores, está voltado para a igualdade e para a inclusão social. ■